



Ata da 149ª Reunião Ordinária do Comitê de Investimentos da TABOÃO PREV – Quadriênio 2017/2021.

Aos treze dias do mês de Maio de dois mil e vinte, às nove horas, através de uma reunião on-line, devido a quarentena da pandemia de Covid-19, se reuniram os membros do Comitê de Investimentos na sede da TABOÃO PREV sito a Rua Mario Latorre, 130, no bairro denominado Pq. Pinheiros – Taboão da Serra – SP, aberta a reunião, pelo Superintendente Sr. Marcos Rogério Fregate Baraldi, com o quórum legal, que convidou a mim Daniel César para secretariar a reunião. Apresentamos aos conselheiros a pauta do dia: 1º Aprovação da Ata da reunião anterior; 2º Avaliação Econômica de Abril de 2020; 3º Aplicação dos recursos repassados pela Prefeitura Municipal de Taboão da Serra; 4º Outros Assuntos. De acordo com a pauta, ficou deliberado o que segue: **1º Aprovação da Ata da reunião anterior:** Foi lida a ata da reunião anterior e perguntado se alguém tinha algum adendo a fazer, não havendo manifesto, foi aprovado por todos os presentes; **2º AVALIAÇÃO ECONÔMICA DE ABRIL DE 2020: Economia mundial:** A pandemia da Covid-19 representou um choque profundo sobre a economia mundial, cujo alcance e consequências ainda são difíceis de vislumbrar. As medidas de isolamento social impactaram fortemente a oferta e a demanda por bens e serviços, desorganizando as relações de trabalho, produtivas, de comércio e de crédito. Os mercados financeiros reagiram derrubando as bolsas de valores, valorizando o dólar e desvalorizando as *commodities* – especialmente o petróleo – diante da expectativa de forte retração da atividade econômica. Os primeiros dados do período pós-Covid-19 já mostram que o impacto foi grande: os índices de gerentes de compras (PMIs na sigla em inglês) desabaram, afetando principalmente os serviços. A única exceção foi a China, onde o ciclo da pandemia já se encontra mais avançado e o índice se recuperou em março. Nos Estados Unidos, caíram fortemente produção industrial, vendas no varejo e indicadores da construção civil residencial. No mercado de trabalho, a perspectiva é de forte aumento do desemprego. As projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI) são de que o produto interno bruto (PIB) mundial terá uma queda de 3,0% em 2020 – a maior retração desde a grande depressão dos anos 1930 –, mas que deve se recuperar e crescer 5,8% em 2021. Para enfrentar esse choque, as políticas econômicas vêm sendo intensamente mobilizadas ao redor do mundo. A política monetária voltou à posição “tudo que for necessário” utilizada antes, no período posterior à crise financeira internacional de 2008, incluindo volta dos juros para próximo de zero e expansões quantitativas envolvendo também títulos privados. A política fiscal, por seu turno, tem sido direcionada para aliviar a súbita perda de renda pelas famílias, bem como para garantir empréstimos às empresas de modo a permitir a garantia do emprego e a preservação de seu capital organizacional. Em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a Covid-19 como pandemia mundial. A disseminação da doença provocada pelo novo coronavírus a partir da China, no entanto, já avançava a passos



largos desde janeiro, como revelado por recentes pesquisas feitas nos Estados Unidos. As reações de políticas públicas, no sentido de retardar o processo de propagação e permitir que os sistemas de saúde se preparassem para o crescimento abrupto dos casos de internação e para a necessidade de utilização de unidades de terapia intensiva, foram relativamente lentas, possivelmente por desinformação quanto à natureza da doença e à sua grande velocidade de contágio. O quadro hoje no mundo já é de mais de três milhões de pessoas infectadas e de mais de 200 mil mortes. Os gráficos 1 e 2 retratam a evolução do número de casos e de mortes para alguns países até 26 de abril. Destaca-se o elevado número de casos e mortes nos Estados Unidos, que já respondem por um terço do total de casos e um quarto das mortes em todo mundo. **Mercados:** Embora a declaração da Covid-19 como uma pandemia só tenha ocorrido em março, os mercados financeiros já vinham refletindo desde dois meses antes a perspectiva que se desenhava quanto aos efeitos da disseminação da doença a partir da China. As bolsas de valores registraram fortes quedas, próximas a 40%, entre o pico recente de cada mercado, localizado entre a metade de janeiro e início de fevereiro, e o mínimo alcançado na terceira semana de março. Em 17 de abril, os índices haviam recuperado pouco menos de metade da perda, com destaque para o S&P 500, com alta de 26,8% desde o mínimo em 23 de março. Por outro lado, a busca por ativos seguros fez o rendimento dos títulos do Tesouro americano com maturidade de dez anos cair de 1,6% ao ano (a.a.) para 0,5% a.a. entre o início de fevereiro e o de março. Não há registro de taxa tão baixa desde 1976. Após a crise financeira internacional de 2008, a taxa de juros de dez anos teve dois momentos de mínimo, em agosto de 2012 e julho de 2016. Em ambos, ela ficou próxima de 1,5% a.a., refletindo o receio por parte dos investidores de uma recessão à frente. Nesses dois momentos, o diferencial entre o juro de dez anos e o de dois anos ficou muito baixo, mas não negativo, e a recessão de fato não aconteceu. Na segunda metade de 2019, o diferencial entre juro longo e curto chegou a ficar próximo de zero, novamente pelo receio de que a política monetária do Federal Reserve System (Fed), que indicava alta dos juros à frente, pudesse levar novamente à recessão. As reduções da Fed Funds já no final de 2019 e, com mais intensidade, ao longo de março, no entanto, fizeram o diferencial voltar a crescer. O valor do dólar frente a uma cesta ampla de moedas oscilou significativamente no período: queda de 5% entre 20 de fevereiro e 9 de março, valorização de 8,4% nos dez dias seguintes, e nova correção para baixo, de 2,3% até 24 de abril. Os preços de commodities têm refletido as perspectivas negativas para a economia mundial: em março, as *commodities* agrícolas caíram 5,8% em relação a janeiro; metais e minerais, 11,6%; e aquelas ligadas a energia, 43,6%. O índice de todas as *commodities* do FMI caiu 21,5%. As *commodities* agrícolas tiveram, portanto, uma queda muito menor que a média, o que é especialmente positivo para o Brasil, que, no momento, colhe uma safra de grãos recorde. O petróleo apresentou forte queda, de 67% entre o início de janeiro e o final de março (de US\$ 69/barril para US\$ 22,7/barril).



recuperando-se para a faixa de US\$ 30/barril na segunda semana de abril. **Atividade econômica:** Os primeiros indicadores captando o impacto da pandemia da Covid-19 sobre a atividade econômica mundial mostram quedas acentuadas já em março. Os PMIs compostos desabaram: 17,5% nos Estados Unidos, 42% na Área do Euro e 23% no Japão. Na China, refletindo a gradual normalização da atividade econômica, ele aumentou 69%, depois da queda de 47% em fevereiro. Na indústria de transformação, as variações foram bem mais modestas (-3,0%; -9,6%; -6,2%; e +24,3%, respectivamente), indicando que o peso da forte queda no índice composto recaiu sobre os serviços. Os dados para os Estados Unidos são corroborados pelo ISM – índice análogo ao PMI calculado nos Estados Unidos pelo *Institute for Supply Management*: o da indústria caiu 2% em março e dos serviços, 8,4%. Na Área do Euro, a prévia dos PMIs de abril indica novas quedas, tanto na indústria, de 44,5 para 33,6 pontos, quanto, principalmente, nos serviços, de 26,4 para 11,7 pontos. Segundo a prévia, a queda do índice composto para a Área do Euro como um todo foi de 54,5%. Dados da atividade econômica nos Estados Unidos em março já mostraram o impacto da pandemia e das medidas para promover o distanciamento social. A produção industrial de março caiu 5,4% em relação a fevereiro – a maior queda mensal no período pós-guerra, superando inclusive aquela de setembro de 2008, de 4,3%. O segmento mais afetado foi o de transformação, no qual a queda foi de 6,3%. No setor de mineração, fortemente influenciado pela exploração de petróleo, a queda foi de 2%, mas os eventos recentes que levaram à forte queda do preço do petróleo, especialmente o produzido nos Estados Unidos, permitem esperar uma retração ainda maior da produção do setor nos próximos meses. As vendas no varejo também sofreram retração acentuada em março, de 6,2%, em relação a fevereiro. Da mesma forma que na indústria, é a maior queda mensal desde 1992. Em outubro e novembro de 2008, logo após a eclosão da crise financeira internacional, a queda foi de 4,1% e 4,2%, respectivamente. No mercado de trabalho, os dados de contratações líquidas no setor não agrícola americano também mostraram, em março, os primeiros efeitos da crise de saúde pública: houve demissões líquidas de 758 mil pessoas no mês, ante contratações líquidas de 243 mil pessoas por mês nos três meses anteriores. A taxa de desemprego em março aumentou para 4,4%, 0,9 ponto percentual (p.p.) acima da registrada em fevereiro. Entretanto, o dado que vem chamando mais a atenção são os novos pedidos de seguro-desemprego: ao longo de 2019 até a primeira semana de março, o número de novos pedidos girou em torno de 217 mil por semana. Na segunda semana, ele aumentou para 282 mil e então disparou para 3,3 milhões e 6,9 milhões nas duas semanas seguintes, mantendo-se ainda em 6,6 milhões na primeira semana de abril. Desde então, houve recuo a cada semana, com a terceira semana do mês registrando 4,4 milhões. O acumulado desde a terceira semana de março é de 26,5 milhões de novos pedidos. O setor da construção, principalmente devido à redução dos juros mais longos, ganhou impulso considerável na segunda metade de 2019: no PIB,



investimento residencial amargou seis trimestres consecutivos de variações negativas ao longo de 2018 e primeiro semestre do ano passado. No terceiro e quarto trimestres de 2019, as variações ante o trimestre anterior foram, em termos dessazonalizados e anualizados, 4,6% e 6,5%. Os indicadores mais recentes, contudo, mostram forte reversão em março: a taxa de crescimento ante igual mês do ano anterior do início da construção de novas casas caiu de 30% no primeiro bimestre para 1,4% em março. Em números anualizados, passou-se de 1,6 milhão no primeiro bimestre para 1,2 milhão em março. As autorizações para novas construções tiveram queda semelhante: de 1,5 milhão para 1,4 milhão. As vendas de novas, que cresciam à taxa média anual de 20% de agosto do ano passado a fevereiro deste ano, caíram 15% em março em relação a fevereiro e 9,5% na comparação com março de 2019. Diante de quedas tão acentuadas em março – mesmo que as medidas de quarentena e/ou isolamento social só tenham começado na segunda metade do mês – o PIB do primeiro trimestre do ano, segundo a primeira estimativa do Bureau of Economic Analysis (BEA), caiu 4,8% na comparação dessazonalizada e anualizada com o trimestre anterior. O consumo caiu forte, 7,6%, com destaque para as reduções no consumo de bens duráveis (-16,1%) e de serviços (-10,2%). O investimento não-residencial caiu 8,6% enquanto, em sentido contrário, e conforme os dados setoriais comentados anteriormente já revelavam, o investimento residencial acelerou bastante no primeiro trimestre, com crescimento de 21% - reflexo das condições financeiras mais favoráveis desde a segunda metade do ano passado, quando houve três reduções da Fed Funds. Olhando para as contribuições para o crescimento observado, as exportações líquidas tiveram impacto positivo (+1,3 p.p.), já que a queda das exportações (-8,7%) foi menor que a das importações (-15,3%). A variação de estoques contribuiu negativamente, com -0,5 p.p., para a variação do PIB no período. Na China, os dados de março mostraram os primeiros sinais de recuperação da atividade econômica após a retração, igualmente forte, do primeiro bimestre. Isso não impediu que o PIB do primeiro trimestre tivesse uma queda, inédita na história daquele país, de 6,8% em relação ao primeiro trimestre de 2019 e de 9,8%, após ajuste para sazonalidade, ante o último trimestre do ano passado. Em março, a produção industrial caiu apenas 1,1% na comparação interanual. Pode parecer ruim, mas na verdade mostra forte recuperação depois da queda de 13,5%, na mesma comparação, no primeiro bimestre. As vendas do comércio, por seu turno, ainda registram forte queda na comparação com igual período do ano anterior: -20,5% no primeiro bimestre e -15,8% em março. No setor serviços, segundo o índice de produção setorial do *National Bureau of Statistics* (NBS), a queda também continuava intensa: -13,0% no bimestre janeiro-fevereiro e -9,1% em março, sempre em relação a igual período de 2019. Os dados de investimentos em ativos fixos ainda mostram queda acentuada em março relativamente a março do ano passado (-9,5%), porém com alguma recuperação em relação ao primeiro bimestre, quando a queda foi de 24,5%. Por fim, destaca-se o comportamento do comércio



exterior chinês, que também registrou alguma reação em março, com taxas menos negativas do que as do primeiro bimestre do ano. A variação das exportações em março foi de -6,6%, ante -17,2% no bimestre janeiro-fevereiro; para as importações, esses valores foram -0,9% e -4,0%, respectivamente. Vale notar que a retração da economia no resto do mundo certamente representará um fator de atrito na recuperação chinesa, que ainda tem nas exportações, basicamente de produtos manufaturados, um componente importante da demanda: mesmo tendo recuado em relação aos níveis elevados, superiores a 25% do PIB no início da década, elas ainda responderam por 17,4% do PIB em 2019. **Projeções para a economia mundial:** O FMI divulgou recentemente suas previsões para economia mundial em 2020 e 2021. Elas indicam que o impacto da pandemia da Covid-19 será brutal – caracterizando a pior recessão desde a Grande Depressão. A previsão é de que a economia mundial contraia 3,0% em 2020, o que representa uma variação de 6,3 p.p. para baixo em relação à previsão feita em janeiro deste ano. Para 2021, a previsão é de crescimento de 5,8%, uma revisão para cima de 2,4 p.p. em relação a janeiro. De acordo com o FMI, mesmo com esta forte recuperação no próximo ano, o PIB mundial no final de 2021 ainda estaria 3,3% abaixo da trajetória projetada em janeiro. Mais ainda, o FMI argumenta que essa crise não encontra paralelo na história (“a crisis like no other”), dada sua natureza: um choque negativo de oferta associado às medidas de isolamento social necessárias para impedir a disseminação descontrolada da doença e que rapidamente se transforma em choque negativo de demanda. Assim, não apenas a magnitude do choque não encontra precedentes como há uma contínua incerteza em relação a sua duração e intensidade. A política econômica nessas circunstâncias, normalmente associada a estímulos à demanda agregada, perde seu sentido, já que a queda da demanda é fruto das próprias medidas adotadas para enfrentar a pandemia. No entanto, as projeções, como o próprio FMI reconhece, carregam uma margem de erro muito maior que em outros momentos, especialmente quanto à intensidade da recuperação projetada para 2021. O FMI aponta para a necessidade de enfrentar a pandemia aumentando os gastos com saúde e garantindo a famílias e empresas os meios de se manterem durante o período de isolamento social. Medidas monetárias, fiscais e financeiras direcionadas e em volume expressivo serão críticas para manter os laços entre trabalhadores e empresas, e entre credores e devedores, preservando a infraestrutura econômica, financeira e social. As projeções por país e região são apresentadas na tabela 3. Destaca-se a previsão de queda em 2020 nos países desenvolvidos, de 6,1%, com destaque para a redução prevista na Área do Euro, de 7,5%, e de 5,9% nos Estados Unidos. O desempenho dos países emergentes e em desenvolvimento também será afetado, com previsão de queda de 1%, variação que se transforma em redução de 2,2% quando se exclui do grupo a China, onde a queda do crescimento será significativa, porém com desempenho ainda positivo, de 1,2% em 2020. **3º Aplicação dos recursos repassados pela Prefeitura Municipal de Taboão da Serra:** Após analisarem a carteira de



**TABOÃOOPREV**  
**Autarquia Previdenciária**  
Município de Taboão da Serra  
Estado de São Paulo



investimentos da Taboãoprev, o comitê constatou que até o momento, o mês de abril teve uma pequena recuperação dos investimentos da Taboãoprev, e portanto, os membros do Comitê de Investimentos mantiveram o conservadorismo nos investimentos, portanto, os recursos novos repassados pela Prefeitura Municipal de Taboão da Serra, deverão continuar a ser direcionados para ativos com maior rentabilidade e indexados ao CDI, IRF-M, IMA-B, IMA-B 5, IDKA/IPCA ou Renda Fixa. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a reunião às doze horas, na qual foi lavrada e assinada por mim Daniel César, e por todos os presentes.

**Edinaldo da Silva Leite**  
Conselheiro

**Maria Carmen Fernandez Ruiz**  
Conselheira

**Maurício Lourenço da Silva**  
Conselheiro

**Marcos Rogério Fregate Baraldi**  
Superintendente Autárquico

**Daniel César**  
Diretor Administrativo e Financeiro